



MÍDIAS ESPONTÂNEAS E CULTURA POPULAR: UM ESTUDO CULTURAL EM ILHÉUS

Valéria Amim

Christiana Cabicieri Profice

José Otávio Lobo Name

As inquietações presentes neste trabalho são fruto das interrogações dos alunos em sala de aula, quando no momento da escolha do tema do Trabalho de Final de Curso - TCC. O viés cultural atravessa quase todos os campos de pesquisa, e ao contrário do que se imagina, algumas discussões sobre a cultura em suas mais variadas extensões, ainda se constituem entraves conceituais e metodológicos que precisam ser superados. Outrossim, as discussões acerca da cultura popular ou de massa, permitiu a construção ainda que temporária, do conceito de "mídias espontâneas" elucidado neste artigo. As mídias espontâneas atravessadas pelo conceito de cultura espontânea, remetem a situações hoje vivenciadas por nós do Projeto de Extensão *TRANSIMAGEM*. O Projeto tem como objetivo a produção videográfica e fotográfica documental. Neste sentido, dialogamos com as mais diversas áreas de conhecimento da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, tratando os fenômenos culturais a partir da compreensão da transdisciplinaridade na produção de conhecimentos necessários a um projeto particular. Nessa dimensão, colocamos o estudo dos fenômenos culturais como campos diferentes de saberes necessários a produção de conhecimento útil sobre a cultura dos homens em sociedade.

Os estudos culturais são atravessados pela antropologia, história e sociologia buscando entre outras coisas refletir sobre as relações recíprocas existentes entre os diferentes níveis em que se situa o *corpus* cultural e os múltiplos fenômenos que em torno dele gravitam. Isto é, utilizam todas as abordagens possíveis para produzir o conhecimento necessário a um projeto específico. Destaca-se que os *mass media* implicado com a cultura popular são recortes para reflexão sobre a dimensão cultural nas sociedades complexas, onde sua principal característica consiste na coexistência de diferentes estilos de vida e visões de



mundo. É portanto um equívoco reduzir tais estudos a um modelo de comunicação, vez que, existe uma tendência de produção de subjetividades¹, a partir de um jogo intenso e dinâmico de papéis sociais que implicados a experiências e a níveis de realidade diversificados, quando não conflituosos e contraditórios, extrapolam o campo da comunicação, inaugurando uma análise transdisciplinar.

O problema da análise dos processos e técnicas dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das teorias que pretendem justificar a compulsão por eles exercida, sobre o *devoir* cultural, busca atingir a "homogeneização" necessária às maneiras de ser ou aos sentimentos dos seres humanos. Alguns teóricos parecem não acreditar numa cultura homogeneizada, a partir dos experimentos em laboratórios e estúdios. Tais observações são corroboradas pelas pesquisas desenvolvidas através modelo experimental, que durante muito tempo, influenciou marcadamente, as pesquisas no campo da comunicação. Isso não significa nenhum repúdio a tecnologia, visto que esta beneficia a humanidade e que constitui no fundo, legítima conquista dos povos. A evolução possível e necessária das formas culturais, é vista, a partir de numa realidade concreta, dinâmica, numa constante readaptação às novas formas produzidas e assumidas pela sociedade. Portanto, a evolução das formas culturais devia ser normal, a partir da própria experiência popular. Logo, seus estudos, pretendem refletir sobre a própria situação dos Estudos Culturais numa sociedade em mudança, numa sociedade de consumo e/ou num mundo que se transforma e se desenvolve imerso em contradições. Outro emergente refere-se ao fenômeno cultural considerado numa sociedade de classes onde existe igualmente a cultura de classes. A natureza de tal situação produz os antagonismos culturais tão ou mais relevantes que os de classe, formando na sociedade atitudes conflitantes e que chegam às vezes ao grau de aversão recíproca. A dimensão da tecnologia também não pode ser desprezada, mesmo porque é profunda sua repercussão, por exemplo, nas sociedades de consumo.

A crítica que se faz as pesquisas desenvolvidas no campo dos Estudos Culturais na comunicação, advém da existência de um número de pessoas empenhadas em manipular, explorar e controlar o espírito público. Neste sentido, os meios de que dispõem são certamente muito mais eficazes que os tradicionais. Outrossim, muitas dessas pessoas

¹ Talvez seja mais importante do que outro tipo de produção, visto que elabora esquemas dominantes de percepção do mundo. São modos de perceber, pensar, sentir e agir no mundo produzido historicamente e socialmente (Gautarri e Rolnik, 1996).



encaram a dimensão cultural espontânea como um atraso, do ponto de vista do desenvolvimento econômico. Tal visão, traz em si uma concepção de imobilismo cultural. Ao contrário, por estar transversalizadas² pelas diversas dimensões (econômica, social, psicológica, histórica, antropológica etc), a cultura espontânea está "cercada de perigos", como nos adverte Carneiro em sua introdução à Carta ao Samba:

" Toda evolução dos folguedos populares é normal e necessária, pois nesses folguedos encontramos a expressão das alegrias e das tristezas populares. O papel do pesquisador é tentar encontrar meios e maneiras para neutralizar aqueles perigos e criar condições para que sua evolução se processe com naturalidade, como reflexo real da nossa vida e dos nossos costumes. Nisto não há qualquer nota saudosista, mas tão-somente o interesse de assegurar ao samba, como aos demais folguedos populares, o direito de continuar como expressão legítima dos sentimentos de nossa gente" (Carneiro, 1965 apud Salles, 1982).

As observações feitas até aqui tentam mostrar a configuração de um termo central na formação dos Estudos culturais e que, por sua vez busca refletir e ampliar o campo de atuação desses estudos. O conceito de cultura torna-se o ponto de partida porque é ao mesmo tempo gerador e inovador de pesquisas no campo de Estudos Culturais. Thompson (1987) resistia ao entendimento de cultura enquanto uma expressão global de vida, preferindo compreendê-la a partir do enfrentamento entre diferentes modos de vida. A contribuição da teoria Marxista consiste na compreensão que esta desenvolve, ao situar a cultura, a partir de sua relativa autonomia, isto é, ela não depende e nem é reflexo das relações econômicas, mas influência e sofre conseqüências das relações político-econômicas. Logo, a compreensão acerca do conceito transcende a constatação de que esta seja somente a maneira de pensar, agir e reagir do homem de uma sociedade, na relação com seus semelhantes (Pereira, 1986). A sociedade complexa convive com a existência de várias forças determinantes de ordem econômica, social, política e cultural, produzindo conflitos e competições. Dessa maneira, a vida social produz-se na heterogeneidade, onde a negociação da realidade resulta do sistema de interações sociais, a partir das diferenças e pela presença constante do potencial de conflito. A perspectiva emergente de tal ótica, percebe o conflito entre as classes sociais, localizados em parte no campo dos valores e sentidos.

² Representa a clareza que se tem dos entrecruzamentos, das pertencas e referências de todos os tipos (políticos, econômico, social, cultural, sexual, libidinal, etc) que atravessam nossas vidas. As relações transversais são em geral, inconscientes, não sabidas e desconhecidas (Guattari e Rolnik, 1996).

Um dos problemas com o uso do conceito de cultura refere-se a sua operacionalização e eficácia no trato de situações e processos sociais singulares. A idéia de que existe uma produção simbólica e um sistema de símbolos que produzem indicações e contornos de grupos sociais e sociedades singulares, parece-nos que pode expandir e re-significá-lo tornando-o mais esclarecedor e eficaz. Entender a cultura como expressão de uma rede de significados, como código, como um sistema de comunicação nos termos de Geertz (1978), permite retomá-la em sua dimensão transdisciplinar. Não mais como um repositório estático de hábitos e costumes, ou com uma coleção de objetos ou tradições, mas o próprio elemento através do qual a vida social se processa - a simbolização (Velho, 1999).

A tentativa de buscar um conceito expandido de cultura que inclua a dinâmica da vida cotidiana, suas instituições e práticas, suas simbolizações e produções subjetivas ao lado das artes, incluindo a popular, são constitutivos de uma produção cultural que rompe com a sua identificação apenas com artefatos. Essa extensão de significados imprimido pelas práticas vividas e suas implicações na rígida classificação de níveis culturais distintos, fez emergir as diversas produções de sentidos existentes.

Quando a perspectiva dos Estudos Culturais se expande para as formas de expressão culturais não-tradicionais, descentra-se a legitimidade cultural. Em contrapartida a cultura popular se legitima, produzindo um lugar de atividade crítica e de intervenção. Enfim, o processo de expansão para outros territórios é um processo de negociação cultural. Cada território exige um processo de re-articulação e re-contextualização de suas posições teóricas. Nesse contexto, os termos se transformam, produzindo uma apropriação singular.

Neste sentido, construíram uma dimensão singular da crítica cultural que gera reflexões sobre o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, produzidas a partir de oposições do tipo cultura: alta/baixa, erudita/popular, erudita/espontânea, superior/inferior, entre outras.

Willians sugere a existência de três definições acerca da cultura. A idealista, a documental e a definição social. A primeira, refere-se ao estado ou processo da perfeição humana, em termos de valores universais e absolutos. O essencial é a descoberta dos valores produzidos em uma ordem atemporal ou que têm uma referência constante à condição humana universal. A segunda, que implica um corpo de trabalhos imaginativos ou intelectuais, isto é, como o pensamento e a experiência humana são, de forma variada,



armazenados para as próximas gerações; e finalmente a social, onde a cultura é a descrição de um modo singular de vida. (Escosteguy, 2003).

A definição social marcará a discussão dos Estudos Culturais a partir da visão de cultura como,

" Uma descrição de uma determinada maneira de viver, que expressa certos sentidos e valores não apenas na arte e na aprendizagem, mas também nas instituições e no comportamento usual, ordinário. A análise da cultura, a partir de tal definição, é a clarificação de sentidos e de valores implícitos e explícitos em um determinado modo de vida, em uma determinada cultura" (Willians apud Escosteguy, 2003, p.58).

Neste momento, sentimos a necessidade de elucidar os conceitos de cultura popular, erudita e espontânea, visto que cada um reserva uma característica singular que as distingue fundamentalmente entre si, fazendo um recorte que busca refletir sobre a problemática da esfera cultural como um campo de relações³ de negociação entre poder, resistência, diferenças sociais e culturais.

A cultura popular no mais amplo sentido, constitui-se no domínio coletivo do conhecimento, enquanto a cultura erudita, seu contrário, pertence à elite e é elaborada entre os letrados. Significa o domínio individual do conhecimento ou propriedade privada da criação intelectual, de caráter normativo, e que inclusive se protege do anonimato através do *copyright*. Sua forma de transmissão se dá através de organizações intelectuais, tais como escolas e universidades, igreja, imprensa, cinema.

A característica principal do conceito de cultura popular refere-se ao "domínio coletivo", onde o popular é igual à cultura dos estamentos sociais intermediários entre dois pólos, em quaisquer tipos de sociedades, independentemente do grau de desenvolvimento tecnológico; A cultura espontânea, também identificada com tipos de sociedades de tecnologia simples, tem como característica a aceitação espontânea da coletividade; observa-se a liberdade de aceitar ou recusar. Aprendida de maneira informal na convivência do homem na sociedade. Resulta do condicionamento inconsciente de se fazer imitando o que os

³ Na reflexão filosófica, seria o ordenamento (intrínseco) de uma coisa em direção a outra. Isto é, uma realidade que para poder ser necessita de outra, senão não é. Nesse sentido, sempre que utilizarmos o conceito de relação estaremos falando de incompletudes, de algo aberto que pode ser transformado ou ampliado. Isto posto, a análise dos grupos, ou da sociedade a partir desse conceito, será sempre aberta, deixando espaços para mudanças, opondo-se a análise com pressupostos positivistas ou funcionalistas (Guareschi, 1998).



outros fazem. Coexiste com a cultura erudita e popular, podendo ser influenciada por elas (Pereira, 1986).

É assim que o conceito popular - cultura do povo - toma a dimensão de cultura de massa, existindo em contradição permanente, quer o relacionemos ao erudito, quer ao espontâneo. A crítica a cultura de massa ou popular, reside porque "boa parte dessa cultura conserva as marcas das violências e da exploração a que as massas têm sido submetidas desde as origens da história" (Rüdiger, 2001, p.144). Outrossim, a cultura popular ou mesmo a espontânea, julgadas por valores ou ideais estéticos supostamente universais, eram frequentemente interpretadas como inferiores, seja pelo efeito degradante da comunicação de massa e da comercialização, seja pelo aspecto de resistência e sobrevivência do espontâneo. A cultura popular ou de massa ao ser compreendida a partir da noção de totalidade das práticas sociais, não deve perder de vista que os princípios de organização do social podem ser vistos como diretamente relacionados a certas intenções sociais, as quais definem a sociedade e são associados ao controle/influência de uma determinada classe social. O conceito de totalidade atravessado pelo conceito de hegemonia compõe o significado sentido hoje, quando nos deportamos a cultura popular ou de massa. Situação vivida tão intensamente que satura a sociedade na sua totalidade, enfatizando simultaneamente a existência de dominação. "A hegemonia satura a sociedade, legitimada pelos estratos intelectuais mas fluindo, através de práticas e sentidos ordinários, no senso comum e nas representações cotidianas, funcionando como um cimento" (McGuigan apud Escosteguy, 2003, p. 59). Implícita e explicitamente subjaz a idéia de que em qualquer coletividade ou grupo, em qualquer período, existe uma produção subjetiva de práticas, sentidos e valores que pode ser identificada como dominante e efetiva. E que esta produção dominante não é abstrata e estática, mas, ao contrário organizada, vivida e em eterno movimento. Aí reside o potencial de resistência das formas espontâneas, isto é, noutros tempos também foram identificadas como dominantes. Pois, é um erro imaginar que a crescente pressão da civilização urbana redundou na desintegração de formas culturais espontâneas, exercendo predomínio absoluto. Essa reflexão é fruto da elucidação de Carneiro quando comenta,

" Na era do rádio e da televisão, que incessantemente martelam os nossos ouvidos e viciam nossa visão com os ritmos e as danças nacionais e estrangeiras da moda, pode-se considerar quase um milagre a existência



de tão grande número de danças e músicas populares no Brasil" (Carneiro apud Salles, 1982).

Outrossim, nem mesmo se conhece suficientemente a sabedoria que advém da cultura popular. A idéia é que os fenômenos culturais expressos ou não em suas manifestações, são comuns a toda sociedade; mas que uma parte desta, que também pode ser agente de criação se omite, quando não o nega e reprime, portanto não está imediatamente interessada em suas formas de resistência. Não obstante, quando lhe convém, deles se apropria. Essa parte da sociedade é denominada elite. Ela, provavelmente, produz as prenoções e, ainda os preconceitos culturais, que desfiguram, corrompem ou minimizam a imagem do popular e principalmente, das culturas espontâneas. Daí, que muitos fenômenos conseguem sobreviver quando preservados por grupos solidários social e culturalmente: são os chamados grupos genuinamente populares. Logo, sua mobilidade é da maior importância, tanto verticalmente como horizontalmente (*continuum* erudito-popular e difusão), desenvolvendo, numa dada realidade, processos dinâmicos de forma circular, simultaneamente sincrônicos e diacrônicos. Porque resulta de relações constantes e necessárias entre todos os membros da sociedade. Como já dito anteriormente, pela marcante presença do potencial de conflito, produtor de redes de negociações da realidade. Isto implica na compreensão de que os fenômenos culturais não são exclusivos de parte da sociedade ou de grupos supostamente conservadores: se a classe popular os integra, em conjunto, à sua vida cotidiana, toda a sociedade se serve deles, fragmentariamente, sob diversas formas. Em quaisquer tipo de sociedade, a cultura espontânea, domínio coletivo do conhecimento, aparece, pois, em permanente sincronia e diacronia, transversalizando o todo sócio-cultural. É a síntese unificante, numa relação dialética com os diferentes universos sociais. Muito embora os fenômenos culturais singulares impliquem níveis diferentes, em virtude das diferenças sociais e que, para fins operacionais, se possam distinguir os níveis erudito, popular e espontâneo, sua essência permanece, o que difere é situação social que o condiciona. Apesar disso, flui e se comporta de tal maneira que envolve constantemente os diferentes níveis sócio-culturais. O caráter interativo e de mobilidade lhe propicia caminhar em todos os sentidos, já que é "resultado direto da comunicação pessoal, das relações de produção, da continuidade de língua, de sentimento religioso e nacional, da educação e da cidadania" (Salles, 1982). Vemos a implicação do fenômeno nos vários setores da atividade humana e sua incidência nas várias formas



culturais. Expandindo sempre as perspectivas de transformação e progresso da experiência humana, que se disciplina em cultura, os mais variados contextos são-nos apresentados sob a forma de informação, reflexão e debate.

Vale destacar que na cidade contemporânea é onde mais se nota a dicotomia clássica: povo *versus* elite. Portanto é essa cidade, em torno da qual se desenvolvem verdadeiras galáxias urbano-tecnológica, o laboratório da educação comercial, onde uma nova cultura estaria nascendo: A cultura popular da era industrial e tecnológica produzida nos estúdios das agências de publicidade, da televisão, entre outros meios.

É exatamente porque muitas linguagens, presentes ainda hoje, conseguem sobreviver e só conseguem ser compreendidos dentro do contexto em que se desenvolvem é que cresce nosso interesse pelas implicações e atravessamentos que produzem tal resistência.

No município de Ilhéus, Bahia, podemos perceber nitidamente algumas dessas resistências, que chamaremos de mídias espontâneas, porque na verdade, em suas formas mais singulares, não são apenas, ou puramente, isto ou aquilo; ao contrário resultam da criatividade de nossa gente, no amálgama mais expressivo da criação cultural. Portanto, da implicação de várias culturas, produzindo novas criações e alimentando, a expressão do processo transcultural, que em Ilhéus se presenciou. Isso é muito interessante: ter sabido aproveitar e aglutinar o que veio de várias fontes, dando-lhes feições singulares e animando o então criado com o nosso espírito, que lhe dá o vigor da variedade, de par com a diversidade que apresentam, sobretudo no espaço regional, adaptando-se ao ambiente, recolhendo, desta, nova inspiração para lhe animar a própria forma de manifestar-se. Assim, destacamos algumas mídias espontâneas: o erveiro, que chama atenção do seu público com parlendas recitadas, com o intuito de vender produtos da medicina popular, sabedoria que diz ter aprendido com seu pai; a figura do mascate, como agente de comunicação social, o mascate está sendo substituído pelo bicheiro e pelo "pãozeiro". Ambos percorrem as casas dos bairros da cidade, a serviço de todos que deles precisam, para comprar remédios, botar cartas no correio etc.; o vendedor de quebra-queixo que com seu triângulo circula pela cidade vendendo e divulgando um doce regional; o "bicicleteiro" que construiu em sua bicicleta um sistema de divulgação através de uma caixa de som, instalada no banco do carona, prestando serviços de propaganda aos interessados, além é claro dos folhetos, também conhecidos como cordel,



atualmente extrapolando o aspecto de divertimento e constituindo-se em formas de leitura. Ou leitura feita em voz alta, de que vários outros se aproveitam gostosamente.

Outra dimensão da resistência, encontra-se exatamente nos processos dinâmicos circulares, que simultaneamente, sincrônicos e diacrônicos, guardam em si algumas contradições. Isto se explica pelo fato de em nosso município, no âmbito da questão ambiental, as lendas espontâneas, fábulas ou histórias, implicitamente, perpetuarem através da moral e ética presentes em sua narrativa, o espírito preservacionista. Quando a ciência introduz para essa comunidade o conhecimento técnico, há uma desmistificação e a consequência para o meio ambiente é imediata, com a substituição do respeito à lenda por atitudes e hábitos nocivos ao meio ambiente. De outro lado, o preservacionismo também é ameaçado pelo próprio imaginário popular, a medida que algumas lendas em relação a determinados animais, no caso, tomaremos como exemplo, a cobra Pico de Jaca (nome popular), contribuem e incentivam sua matança. Atualmente essa cobra está correndo risco de extinção.

Tais considerações nos parecem oportunas e não pretendem se esgotar neste artigo. Ao contrário, buscamos novas reflexões acerca dos Estudos Culturais via a transdisciplinaridade, num movimento constante, mútavel, atemporal em permanente construção. Desta forma, a inclusão de estudos sobre as culturas espontâneas pode colaborar na direção da extensão do próprio campo de ação desses estudos.

Abstract: Research of a transdisciplinary vision of culture from Cultural Studies, discussing concepts of popular, erudite and spontaneous culture. Relates spontaneous culture to the production of spontaneous media still in use in the city of Ilhéus. Aspects of spontaneity act in daily life in a way that produces subjectivities related to the surroundings, sometimes preserving it, sometimes degrading and extinguishing it.

Keywords: Cultural Studies, Transdisciplinarity, Spontaneous media

Referências Utilizadas

GUATARRI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micro política:** cartografias do desejo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996).

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima, BRUSCHI, Michel Euclides (organizadores). **Psicologia social nos estudos culturais:** perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.



- SALLES, Vicente. Apresentação de folguedos populares in CARNEIRO, Edson. **Folguedos tradicionais**. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982.
- CARNEIRO, Edson. **Folguedos tradicionais**. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- PEREIRA, Niomar de Souza. **Folclore**: teorias, conceitos, campo de ação. São Paulo: editora Nacional, 1986.
- ECOSTEGUY, Ana Carolina D. Os estudos culturais e a constituição de sua identidade. In GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima, BRUSCHI, Michel Euclides (organizadores). **Psicologia social nos estudos culturais**: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GUARESCHI, Pedrinho. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica in ARRUDA, Angela (org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- RÜDIGER, Francisco. A escola de Frankfurt in HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (organizadores). **Teorias da comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.